

DA RELIGIOSIDADE POPULAR À GALERIA DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Denilson Pereira ROSA (PPGE\FE\UFG)

denilsonprosa@yahoo.com.br

Monique Andries NOGUEIRA (PPGE\FE\UFG) (Orient)

andries@terra.com.br

Palavras-chave: arte contemporânea, literatura e educação.

O objetivo deste trabalho é discutir a questão da compra de um ex-voto, na romaria de Trindade Goiás para ser enviado às exposições e galerias de Arte Contemporânea, presente no romance *Chão Vermelho*, de Eli Brasiense (2002). A suspeita que tenho, considerando o período histórico da escrita e publicação do romance é que as características da escultura\ex-voto, materialização de um pagamento de promessa, a qual seria depositada aos pés do santo, está presente na arte produzida em Goiás nos anos 1940\50\60\70.

A hipótese que vou tentar apresentar e sustentar é que a visão de Arte Moderna de Brasiense (2002), pode ser verificada nas obras deste período de artistas como: Gustav Ritter, Frei Confaloni e DJ Oliveira, para defender essa ideia, vou comparar algumas obras destes artistas com as descrições e opiniões das personagens do romance, *Chão Vermelho* cotejando-as com a historiografia da arte e da cultura nacional e goiana. Pessoa (2005), Borges (1986), Sabino Jr. (1980), Goya (1998) e Gullar (1999).

O ponto de partida será a questão: “a compra de um ex-voto”, assim como vou, tentar entender e relacionar o diálogo das personagens durante a negociação do objeto sagrado, com a produção poética dos referidos, artistas plásticos contemporâneo de Brasiense. Não tenho a pretensão de entrar na discussão que é pertinente ao campo da literatura, apenas utilizá-la, como suporte de fundamentação da hipótese apresentada.

Refletindo sobre Brasiense, Olival (1998) qualifica a sua narrativa como sendo cinematográfica. Estou inclinado em concordar com essa opinião, sobretudo quando penso nas falas e na tensão que envolve as personagens quando encontra “uma mulher escarrapachada à beira do muro pedindo esmola. Em cima de um caixote se via enorme e deformada mão de cera de abelha” BRASILIANSE (2002. p.200). A descrição da cena em planos e a narrativa, está muito próximo da linguagem cinematográfica.

Na dissertação: *o narrador em Eli Brasileira: uma voz entocaiada*, Lacy Guaraciaba, escolhe fragmentos de textos com o objetivo de demonstrar “os traços evidentes do autor”. Para ela “os trechos desempenham, muito mais uma função reforçativa, ilustrativa” MACHADO (1989, p.9). Este também será o procedimento que vou adotar, com a diferença de não entrar na discussão pertinente as peculiaridades do campo da literatura, e voltar a minha atenção, para as Artes Visuais.

Penso que Brasileira, logo de início do desdobrar das cenas e dos diálogos deixa preciosas pistas sobre o seu entendimento sobre a arte, que está completamente em sintonia com a fala de Milliet (1992, p.28). Quando se referindo à produção plástica dos anos 1950\60, ela destaca: “a negação da obra e da autoria, a substituição do artista pelo propositor, não artista”. Mesmo não sendo o escultor do ex-voto ao se apropriar dele, com a intenção de fazê-lo obra de arte enviando-o a galerias, Brasileira (2002) está ao mesmo tempo negando a autoria e sendo o propositor criador.

Estou inclinado a pensar de que o papel desempenhado por Francisco, personagem de *Chão Vermelho*, foi o de artista contemporâneo, a sua atitude de retirar um objeto do seu contexto, não artístico institucionalizado, e se apropriar dele e fazê-lo, obra de arte, essa foi uma ação recorrente na História da Arte Moderna. Penso que Gustav Ritter ao utilizar restos de madeiras e com poucas interferências criar esculturas sem forma definida, está seguindo essa mesma tendência da criação poética apontada por Brasileira.

Na atitude da mulher devota do Divino Pai Eterno, que mesmo tentada pela oferta de Francisco, de comprar a escultura de cera de abelha, sabendo que o filho está com fome e as panelas estão vazias ela rejeita o dinheiro por ser pecado, encontro uma relação com o que Antonio Candido chama de “tradição mágico-religiosa”, CANDIDO (1979, p.170). Isso se exemplifica quando no catolicismo popular o real e o imaginado se misturam através de promessas, de rezas, benzeções e de ex-votos para conseguir uma graça através da magia.

Na reflexão de Lacy Guaraciaba sobre o romance *Chão Vermelho* a autora diz: “ao apropriar-se da história, o narrador passa a amá-la, a querê-la, redescobri-la, interpretando-a” MACHADO (1989, p.14), Neste sentido que vou descobri-la e interpretando trazendo para a minha área de interesse, as Artes Visuais, o conflito

vivido no dilema que envolve o simbolismo do catolicismo popular, que é pagar uma promessa depositando uma escultura aos pés do santo, a representação material da graça recebida, e a surpresa da proposta de vendê-la.

Concluído o dilema envolvendo a negociação do ex-voto, triunfante Francisco diz, “Isto é uma obra de arte, cavalheiros. Vou mandá-la para um museu de arte moderna e é prêmio na certa” BRASILIENSE (2002, p.202). Com essa fala sou tentado a acreditar que Brasiliense sabia o que estava escrevendo extrapolando os limites do romance e fazendo crítica de arte como era corriqueiro neste período após a I Bienal Internacional de Artes de São Paulo, realizada em 1951.

A justificativa de Francisco ao se referir à tristeza da romeira pobre e mendiga que abre exceção de uma promessa, e vende uma escultura sagrada, ele inverte a ação “Chorou foi de alegria porque ali só tinha fogo e água. Vocês me perguntam o que quero fazer com isso. E o santo, faria alguma coisa também? É um troço curioso, fica melhor nas mãos de quem entende de arte” BRASILIENSE (2002, p.202). Com esses argumentos o romancista reforça a minha suspeita, de ser ele um profundo conhecedor da arte contemporânea.

Com a compra do ex-voto, agrada-me pensar como Cristina Freire, “a autoria se fecha frente às poéticas da apropriação” FREIRE (2006, p.9). Brasiliense amplia o sentido da criação da arte e abre novas possibilidades, diferente da tradicional pintura e escultura. É bom lembrar que estas características se verificam na ação de Francisco, e na relação que suponho existir com as obras de Gustav Ritter, como a apropriação do material para as esculturas e, em Confaloni e DJ Oliveira, o que consigo ver de semelhança são as deformações das figurações de suas obras.

Das obras de Gustav Ritter, e a relação que imagino existir com a poética defendida por Francisco, em sua escolha da forma de produção artística, gostaria de recorrer à fala do próprio Ritter no texto de 1952, *Reflexão Escultural* “É surpreendente observar que, já duas gerações atrás, passados 80 anos mais ou menos, surgiram nas belas artes os conceitos, ainda atualíssimos, como exageros, deformações artísticas e abandono da fidelidade anatômica” Apud UNES (2009, p.48). A reflexão do autor mostra uma visão convergente com a hipótese levantada, de ter Ritter na sua obra às características da escultura de ex-voto.

As características dos trabalhos de temas religiosos ou não de Nazareno Confaloni, me parece comparável com a mão deformada do ex-voto, presente nas pinturas, nos quadros e afrescos “horribéis”, na opinião dos que estranhavam sua poética, o mesmo ocorreu com um dos amigos de Francisco personagem da ficção regional, ao declarar ser um “absurdo comprar um troço macabro desses” BRASILIENSE (2002. p.202).

DJ. Oliveira, no painel construído no prédio da antiga reitoria da UFG, exemplifica o argumento que estou tentando sustentar, relacionar a visão de arte moderna de Brasiliense com trabalhos artísticos de seus contemporâneos. Nesta obra, Oliveira, reproduz as características do ex-voto modelado com cera de abelha com dedos e mãos deformados, porém com grande valor estético e de beleza aos olhos de Francisco artista no romance *Chão Vermelho*.

A leitura da ficção fechando o foco apenas no fragmento envolvendo, a diversão de jovens, na romaria de Trindade, a religião do povo com a fé da mulher, e a sensibilidade artística de Francisco, Brasiliense transita entre a imaginação e a realidade e se preocupa tanto com a opressão social, a desigualdade, a agressividade e a deformação, consequência da miséria e da fome, como também pela beleza da arte extraída da forma, do objeto do cotidiano de uma pessoa simples como o ex-voto da mulher devota do Divino Pai Eterno.

Referências Bibliográficas

BORGES, Heloisa Helena de Campos. **O Romance em Goiás: Construção e Singularidades do seu Processo Narrativo**. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – UFG, 1986.

BRASILIENSE, Eli. **Chão Vermelho**. São Paulo: Martins, 1956.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 5.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

FREIRE, Cristina. **Arte Conceitual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GOYA, Edna de Jesus. **A Arte da Gravura em Goiás: raízes e evolução**. Dissertação de Mestrado defendida na ECA – USP e FAV – UFG, 1998.

GULLAR, Ferreira. **Etapas da arte contemporânea. Do cubismo à arte neoconcreta**. 3.Ed. Rio de Janeiro: Revam, 1999

MACHADO, Guaraciaba Lacy. **O Narrador em Eli Brasiliense: uma voz entocaiada**. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – UFG, 1989.

MILLIET, Maria Alice. **Lygia Clark: Obra-Trajeto**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1992.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **O espaço da crítica: panorama atual**. Goiânia: Ed. da UFG, 1998.

PESSOA, Jadir de morais. **Saberes em Festa: gesto de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Ed. Da UCG; Ed. Kelps, 2005.

SABINO JR. **Goiânia Global**. Goiânia: Oriente. 1980.

UNES, Wolnes. (Org). **Gustav Ritter**. Goiânia: ICB, 2009.